

Património em perigo



Nuno Teotónio Pereira¹
Arquitecto

Um precioso paço senhorial quinhentista, dos raríssimos que restam na região de Lisboa, tem sobrevivido quase por milagre ao longo das últimas décadas, clamando em vão por socorro. Votado inteiramente ao abandono, só a robusta construção o mantém ainda de pé, numa atroz e lenta agonia. Trata-se do Palácio de Valflores, sede da quinta do mesmo nome, em Santa Iria da Azóia, na pequena povoação de Viarara, hoje sufocada pela informe massa predial da Grande Lisboa. E se até há poucos anos a sua presença se escondia, debruçada sobre um pequeno vale residual da paisagem

rural, hoje impõe-se, altaneira, à vista de quem passa: é que a chamada variante à EN10, com perfil de via rápida, passa a seus pés no troço final de ligação à auto-estrada do Norte, alguns quilómetros antes do nó de Alverca.

Ao subir nesta nova estrada em direcção às alturas de Santa Iria, vale a pena abrandar a marcha e olhar à direita para admirar o singular monumento, assente sobre um imponente paredão quadrangular, coroado por paredes e duas torres ameadas e onde se rasga uma graciosa galeria de dez arcos abatidos, debruçada sobre o vale e avistando ao longe o Tejo e a lezíria.

Para além do porte majestoso, dos cunhais em aparelho almofadado, da delicada arcaria, das torres, das portas e janelas de molduras quinhentistas, da capela com preciosos azulejos da época, da atmosfera de penumbra, mistério e pó que se respira no interior, o palácio constitui um todo coerente, harmonioso e quase intocado que faz dele um exemplar único da nossa arquitectura civil.

Referido na notável e útil publicação em quatro volumes que a Junta Distrital publicou em 1963 sobre "Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa", já nessa altura o Palácio era descrito como "completamente desprezado". O que é que pode justificar que, quase quarenta anos volvidos, nada tenha sido feito para o salvar?

O jornal "Público" de 21 de Junho veio denunciar a situação. É que a Câmara Municipal de Loures, o IPPAR e agora também a JAE, têm andado num "jogo do empurra", atri-

buindo-se mutuamente a responsabilidade de acudir a este monumento único, classificado como imóvel de interesse público, mas que é muito mais do que isso. De propriedade particular, jaz ao abandono e tem sido utilizado da forma mais selvagem como abrigo de animais e depósito de detritos de toda a espécie.



Palácio de Valflores, Santa Iria da Azóia

Mas esta situação não é única na zona. No lado oposto do vale hoje ocupado pela via rápida, e visível de quem circula na auto-estrada do Norte, um outro paço da mesma época, também classificado como de interesse público, é já uma ruína. Trata-se da Quinta do Castelo, em Pirescoxe, também referido na publicação da Junta Distrital.

Apontam-se aqui situações dramáticas de património em perigo. Nas mãos de privados, que não sabem, não querem ou não podem preservar da ruína total dois exemplares únicos da arquitectura senhorial no sul do país, impõe-se às autoridades intervirem de imediato para os salvar, assumindo as suas responsabilidades e eventualmente partilhando encargos e tarefas. E se há qualquer vazio legal ou falta de verbas que as tolhe, publique-se um decreto-lei e abra-se, como outrora se fazia, uma subscrição nacional! E faça-se desses lugares ancestrais e sagrados oásis de cultura, recreio e contemplação, de que são belos exemplos nas proximidades as quintas do Sobralinho e da Piedade, em Vila Franca de Xira, e a quinta do Conventinho, em Loures. ■

¹Nuno Teotónio Pereira, n. Lisboa 1922. Arquitecto pela Escola de Belas Artes de Lisboa. Foi delegado português no Comité do Habitat da União Internacional dos Arquitectos nos anos 60. Autor do estudo da "Evolução das Formas de Habitação Pluri-Familiar em Lisboa", de um ensaio sobre a "Arquitectura do Estado Novo" e de numerosos artigos sobre Arquitectura, Habitação, Urbanismo, Património e Território.

Autor ou co-autor de conjuntos de habitação social e de moradias em vários pontos do País. 2º Prémio Nacional de Arquitectura da Fundação Gulbenkian 1961, Prémios Valmor de 1968, 71 e 75, com menções honrosas em 1987 e 88, Prémio AICA 1985, Prémio Instituto Nacional de Habitação 1992, Prémio Espiga de Ouro da Câmara Municipal de Beja 1993 e Prémio Municipal Eugénio dos Santos 1995.

É co-autor do Estudo de Recuperação e Revitalização do Palácio Nacional de Mafra e de projectos para Vila do Conde, Barcelos, Lisboa, Universidade de Aveiro e Parque das Nações. Sócio correspondente da Academia de Belas Artes, foi Presidente do Movimento para a Renovação da Arte Religiosa, da Cooperativa Cultural Pragma, do Centro Nacional de Cultura, da Associação dos Arquitectos Portugueses e do Conselho de Arquitectos da Europa.